

O serviço social radical nos Estados Unidos: fundamentos teórico-políticos, desenvolvimento, atualidade e perspectivas¹

Maria Ozanira da Silva e Silva *

RESUMO

As reflexões contidas no presente texto têm como foco de abordagem uma proposta de prática alternativa para o Serviço Social cuja centralidade da abordagem é direcionada para a proposta denominada Radical Social work (Serviço Social Radical), desenvolvida no contexto dos Estados Unidos. Trata-se de uma formulação em processo com avanços e recuos desde a segunda metade dos anos 1960, quando se vivia naquele país uma dinâmica social e política marcada por intensos movimentos sociais, com destaque aos movimentos antirracistas e contra a pobreza.

PALAVRAS CHAVE: Serviço Social Radical, Estados Unidos

Radical Social Work in the United States: theoretical and political foundations, development, timeliness and perspectives

ABSTRACT

The reflections contained in this text have the approach focus a proposal for a practical alternative to the Social Service whose centrality of approach is directed to the proposed Social work called Radical (Radical Social Service), developed in the US context. It is a formulation in process with advances and setbacks since the second half of the 1960s, when there was a social and political dynamic in that country marked by intense social movements, especially anti-racist and anti-poverty movements.

KEYWORDS: Social Work, Units States

Enviado em: 04/11/2019
Aprovado em: 19/11/2019

Introdução

As reflexões contidas no presente texto têm como foco de abordagem uma proposta de prática alternativa para o Serviço Social cuja centralidade da abordagem é direcionada para a proposta denominada Radical Social work (Serviço Social Radical), desenvolvida no contexto

¹ Texto apresentado ao VI Seminário Internacional da FSS/UFJF - Lutas Sociais e perspectiva histórico-crítica no Serviço Social: memória e debate contemporâneo (América Latina, América do Norte e Europa), setembro 2019.

* Doutora em Serviço Social; professora do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Maranhão, Brasil; coordenadora do Grupo de Avaliação e Estudo da Pobreza e de Políticas direcionadas à Pobreza (GAEPP www.gaepf.ufma.br), da mesma Universidade, e pesquisadora, nível IA, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: maria.ozanira@gmail.com

dos Estados Unidos. Trata-se de uma formulação em processo com avanços e recuos desde a segunda metade dos anos 1960, quando se vivia naquele país uma dinâmica social e política marcada por intensos movimentos sociais, com destaque aos movimentos antirracistas e contra a pobreza. Todavia, como os próprios representantes dessa proposta alternativa para o Serviço Social consideram, esta é uma expressão minoritária do Serviço Social norte-americano, historicamente orientado por práticas individualizadas e hegemonicamente psicologizantes, embora não se possa desconsiderar o elevado significado de práticas de desenvolvimento de comunidade naquele país.

Parto do entendimento de que a realidade social é contraditória e que, nesse espaço contraditório, em diferentes sociedades, o Serviço Social tem construído movimentos de rebeldia contra a ideologia conservadora do capitalismo industrial que o instituiu. Assim, tem-se a formulação de movimentos de reação profissional e política, mais abrangente ou menos abrangente, em diversas partes do mundo, para se contrapor aos impactos negativos da exploração capitalista sobre a maioria da população que vive do trabalho. Entre essas reações, possivelmente a maior e mais profunda tenha sido o Movimento de Reconceituação do Serviço Social na América Latina com ampla repercussão no Brasil, possibilitando a formulação de um Projeto Profissional Ético-Político que se fundamenta em corpos teóricos críticos, especialmente no campo teórico marxista e no método crítico-dialético. Projeto esse que tem redimensionado o conteúdo da legislação que orienta o Serviço Social brasileiro, entre esta, seu Código de Ética e que tem inspirado e fundamentado um projeto profissional hegemônico para formação, graduada e pós-graduada, dos assistentes sociais brasileiros.

O Serviço Social Radical, mesmo sendo minoritário entre os assistentes sociais no âmbito dos países de capitalismo desenvolvido onde se implantou, Estados Unidos, Inglaterra, Canadá e Austrália, também expressa um movimento que se contrapõe à exploração do capitalismo e o controle e insuficiência do Welfare State para atender às demandas postas por pessoas e grupos sociais nos diversos países. É um movimento que se propõe a articular a prática profissional e a prática política, partindo das necessidades imediatas da população, sem se afastar do espaço institucional, mas tendo como horizonte uma sociedade nova, uma sociedade socialista, demandando um processo de articulação dos assistentes sociais com outros profissionais e com o público que constitui seu público demandante.

No processo de sua construção, o Serviço Social Radical, tem seu movimento de formulação a partir da segunda metade dos anos 1960 e durante os anos 1970. Como abordo, posteriormente, viveu um forte processo de declínio nos anos 1980, impactado principalmente pelo neoliberalismo, pelas ideologias e teorias modernas decorrentes e pelo gerencialismo.

Com a crítica e o declínio desse contexto, procura se redimensionar, embora tenha que enfrentar a conjuntura mundial contemporânea de aprofundamento do conservadorismo e privilegiamento do capitalismo de hegemonia do capital financeiro, que inaugura a era dos ajustes econômicos que terminam por destruir direitos e enfraquecer o Estado de Bem-Estar Social engendrado pela necessidade do próprio capitalismo, embora seja também produto das lutas sociais por ampliação de direitos, mesmo que direitos burgueses.

É no contexto dessa dinâmica histórica, onde as contradições possibilitam reações que se contrapõem ao *status quo*, que abordo o tema proposto: Serviço Social Radical, iniciando por considerar seus fundamentos teórico-políticos para adentrar na realidade histórica de seu desenvolvimento e dos determinantes que favoreceram seu surgimento, desenvolvimento, declínio e busca recente de reconstrução, seguindo com um esforço para qualificar o conteúdo e as dimensões dessa proposta de prática profissional e política, finalizando com algumas indicações a título de conclusão.

Fundamentos teórico-políticos

Para desenvolver as reflexões e análises sobre o Serviço Social Radical, vertente crítica do Serviço Social desenvolvida nos Estados Unidos, parto do pressuposto do que Pereira considera referência enquanto denominador comum no Serviço Social Mundializado: “propensão a remar em qualquer contexto contra o ditame do sistema que o engendrou”, visto que “todo processo social e político encerra contradições” (PEREIRA, 2016, p. 2).

Ainda, conforme Pereira (2016), o Serviço Social foi instituído enquanto profissão sob a égide do capitalismo industrial, mas nunca foi unanimemente obediente aos ditames de seu criador. Manteve, historicamente uma relação de ambivalência com a lógica capitalista, esboçando uma cultura de oposição ao conservadorismo, embora o conservadorismo burguês tenha formatado a visão de mundo do Serviço Social. Isso significa, ainda segundo a autora, nunca ter ocorrido conformidade de pensamento e ação entre os assistentes sociais nem postura única em relação aos projetos e pautas profissionais construídos em diferentes lugares e épocas.

Tem-se as contradições internas no interior do sistema de produção capitalismo que vêm, historicamente, cada vez mais concentrando a riqueza, produzida socialmente, e apropriada privadamente. Em decorrência, gerando mais desigualdades sociais e instituindo um clima de insatisfação entre os trabalhadores sociais, em razão do aprofundamento do quadro econômico e social a partir de meados de 1970, período crítico da crise do petróleo.

Essa realidade produziu reações na sociedade, conduzindo a movimentos no âmbito da categoria profissional dos assistentes sociais em países desenvolvidos, entre os quais, os Estados Unidos, Inglaterra e Canadá. Inicia-se, por conseguinte, movimentos articulados dos assistentes sociais com outros trabalhadores do bem-estar e com os usuários dos serviços sociais, unidos sob orientação de postura crítica sobre o controle e a insuficiência do Estado de Bem-Estar para atender demandas e problemas sociais emergentes. Institui-se, então, um clima político comprometido com a criação de uma alternativa político-profissional, cujo foco foi centrado na busca de transformação da sociedade capitalista, o que oportunizou a construção do Serviço Social Radical fundamentado no materialismo histórico com uma proposta a ser desenvolvida a partir das próprias instituições onde o Serviço Social desenvolve suas práticas.

Sabe-se que a prática do Serviço Social nos Estados Unidos foi assumida historicamente enquanto essencialmente conservadora, com foco centrado no indivíduo, no *Case Work*, com o domínio de uma abordagem clínica, implementada em instituições privadas, embora não se possa ignorar a rica tradição de organização de comunidade também ocorrida naquele país

No contexto da crise dos anos 1970 foi que o Serviço Social Radical foi consolidado enquanto uma abordagem de prática profissional, embora se auto considere uma reação minoritária no âmbito do Serviço Social norte-americano.

Vários estudiosos destacam diversos fatores que contribuíram para emergência de formas mais radicais da prática do Serviço Social, tais como: redescoberta da determinação estrutural da pobreza pelos pesquisadores, em meados de 1960; a reorganização dos serviços sociais baseada em nova legislação na Escócia e na Inglaterra que contribuíram para criação de amplos grupos de profissionais, propiciando aos trabalhadores um forte sentido do trabalho e identidade profissional; influência de estudos sobre a percepção dos usuários a respeito dos serviços recebidos e o fracasso da abordagem psicossocial para resolver problemas decorrente da pobreza material (LESKOSEK, p. 86).

Além dos fatores mencionados, o fato de o Serviço Social Radical ter sido formulado, ao mesmo tempo em diversos países, sugere que outras forças globais, entre estas o fim do “*long boom*”, período de sustentação do crescimento econômico que seguiu à II Guerra Mundial, produzindo a emergência de crise econômica em muitos países e o crescimento de movimento global de resistência à longa guerra americana no Vietnã, foram fatores determinantes para o surgimento da década mais radical na história mundial.

A literatura destaca que, da segunda metade dos anos 1960 a meados dos anos 1970,

tem-se um período de surgimento de muitos movimentos, uns inspirando outros, além da influência da televisão. Tem-se o surgimento do *Black Civil Rights Movement* nos Estados Unidos no início de 1960; o movimento de liberação das mulheres e o movimento estudantil global, com destaque ao *Prague Spring* de 1968 (LESKOSEK).

O Serviço Social foi profundamente afetado por essa situação global. No campo da prática passa-se a ter o reconhecimento de que muitos problemas dos demandantes dos serviços públicos são decorrentes de circunstâncias materiais e experiência de opressão e não gerados pela inadequação pessoal. Acrescenta-se a essa nova visão no âmbito profissional, a evidência da eficácia da luta coletiva conduzindo ao avanço de críticas ao *Case work* e destaque ao trabalho com comunidades.

No contexto que favoreceu o surgimento de posturas críticas, devem ainda serem considerados outros elementos como o surgimento de críticas à opressão e controle do Estado de Bem Estar; insistência para que os assistentes sociais se envolvessem com organizações sindicais para estabelecer relação com outros grupos de trabalhadores, de modo que nos anos 1970 se desenvolve interesse por trabalho coletivo no Serviço Social, com grande impacto na educação e capacitação dos profissionais, quando questões como direito ao bem estar e trabalho com comunidade passam a se destacar nos currículos dos cursos de Serviço Social e em cursos de capacitação.

Partindo da perspectiva psicologista, abordagem clínica centrada no Serviço Social de Casos, é colocada a necessidade de uma prática capaz de desenvolver habilidades para pessoas se ajudarem a si mesmas e para construírem uma sociedade mais justa e igualitária, onde o trabalho do assistente social não seja mais necessário.

Para essa nova proposta profissional foi demandada a adoção do marxismo nas análises e no desenvolvimento do *Social Welfare* e do Serviço Social. A proposta é a utilização de uma abordagem socialista para entender a dinâmica das agências sociais no contexto da sociedade capitalista, cada vez mais incapaz de atender às necessidades sociais, de modo a desenvolver uma educação para formar consciência crítica das pessoas sobre sua opressão e seu potencial para combater a opressão crescente da sociedade capitalista (SILVA, 1983).

Desenvolvimento histórico e determinantes

Para Pereira (2016), o Serviço Social Radical, enquanto primeira vertente alternativa ao conservadorismo no Serviço Social nos países de capitalismo desenvolvido, desponta

historicamente nos fins dos anos 1960 nos Estados Unidos e se expande por outros países capitalistas centrais: Grã-Bretanha e Canadá, seguido da Austrália. Portanto o Serviço Social Radical é produto dos movimentos de liberação das mulheres, de liberação dos gays, e dos negros, numa conjuntura onde se expande a luta de classe.

Para Galper (1986), em meados dos anos 1970 surgiram pequenos grupos de trabalhadores sociais em áreas urbanas nos Estados Unidos e Canadá, organizados em nível local, tais como: *Union of Radical of Human Services workers* (Boston); *Radical Alliance of Social Services Workers* (Toronto); *Coalition for Human Services Alternatives* (New Haven); *Radical Human Service Worker* (Philadelphia). A emergência desses grupos foi antecipada no final da década de 1960 e início de 1970 pela *Social Welfare Worker's Movement*, organização progressista abrangente chegando a alcançar o nível nacional. Esses grupos tinham como proposta desenvolver uma prática alternativa denominada *Radical Social Work*, cujos determinantes decorrem das dificuldades socioeconômicas nos países capitalistas do ocidente, registrando-se o declínio do crescimento econômico, no final dos anos 1970, pós-segunda guerra mundial. O autor reafirma também o significado da redescoberta da pobreza com clareza sobre suas raízes estruturais, decorrentes de relações de dominação de classe. Destaca ainda nesse contexto a circulação de resultados de estudos sobre a percepção dos usuários a respeito do atendimento que lhes era prestado; resistência global à guerra do Vietnã; eclosão de novos movimentos sociais: feministas, ecológicos; antirraciais e estudantil. Nesse contexto de dificuldade de o Estado financiar programas sociais capazes de enfrentar a pobreza em expansão, a crise capitalista do final dos anos 1970 impõe o reconhecimento da necessidade da luta coletiva por mudança.

Esses grupos enfrentam as mesmas dificuldades que outros grupos radicais nos Estados Unidos: pouco apoio para suas ideias na sociedade; pessimismo sobre a possibilidade de mudanças numa sociedade fechada e controladora; são vítimas de medidas repressivas de todas as ordens, inclusive por segmentos do próprio quadro de Serviço Social.

Esse era um ambiente político onde os trabalhadores sociais passaram a enfrentar dificuldades para desenvolver seu trabalho, pressionados para agir de uma maneira burocrática e rotineira, o que veio a estimular a sindicalização dos trabalhadores sociais nos Estados Unidos, embora com organização ainda em nível local.

Todavia, adentrando os anos 1980 passa a ser colocada a necessidade de ação rápida para intervir na crise e a necessidade de corte de serviços sociais. Austeridade passa a ser a única alternativa para solucionar a crise econômica que se aprofundava, ao mesmo tempo, usada para desmobilizar ações políticas de transformação. Trata-se da conjuntura de ascensão

do neoliberalismo em escala global, com virada para a direita de governos e parcelas majoritárias da sociedade, incluídos segmentos de intelectuais, de modo que as políticas sociais foram fortemente impactadas pelo ideário neoliberal, prevalecendo uma reação contrária a tudo que é social, público, universal e desmercadorizável, com forte defesa da privatização, da focalização e da seletividade.

É então demandado um Estado de Bem-Estar residual, focalizado no público alvo e nos recursos a serem despendidos, sendo os direitos sociais negados, dando lugar à centralidade dos direitos individuais. O critério do mérito cede lugar ao critério das necessidades e o trabalho assalariado torna-se o único meio digno de obter poder, agravado com a negação da pretensão pública de proteção social.

A Democracia é reduzida ao voto em eleições periódicas e o Serviço social passa a ser demandado tão somente pela sua funcionalidade aos objetivos de reprodução ampliada do capital, enfraquecendo qualquer projeto direcionado para uma sociabilidade anticapitalista. Em decorrência, o Serviço Social Radical passa a sofrer declínio no início dos anos 1980. Leskosek (2009, p. 86) aponta duas principais razões para esse declínio: mudanças na perspectiva de direitos em todas as áreas da vida social e política, seguindo a eleição dos conservadores, Margareth Thatcher no Reino Unido em 1979 e Ronald Reagan nos Estados Unidos. A segunda razão para o declínio de abordagens radicais foi o consequente enfraquecimento da luta de classes que eram referenciadas no movimento sindical dos anos 1970. Conseqüentemente, alguns radicais no Serviço Social começam a priorizar questões como raça e gênero.

Por conseguinte, a globalização do neoliberalismo e da expansão do gerencialismo para o campo das instituições públicas estabelecem dominância ideológica, econômica, política e social, com a busca do retorno do capitalismo puro pré-Kenesiano.

Soma-se ao quadro político e econômico o colapso da União Soviética e dos países do leste europeu, seguindo-se da dominância dos ditames do Consensus de Washington, e do advento do pós-modernismo, registrando-se a secundarização de narrativas e teorias que procuram explicar o mundo como totalidade.

As provisões para os regimes de bem-estar, incluindo os serviços sociais, foram profundamente afetadas por essas mudanças com a redução de financiamento para os programas sociais, contribuindo para que o Serviço Social passe a se alinhar com Organizações Não-Governamentais, geralmente fundadas por estrangeiros. Essa realidade é agravada com a flexibilidade do mercado de trabalho, contribuindo para desprofissionalização

e pela implantação do gerencialismo nas organizações públicas, que passam a ser orientadas por princípios de negócios. Nesse contexto, os assistentes sociais passam a considerar sua profissão mais como uma prática *office based*. De modo que, nos Estados Unidos, o foco do Serviço Social é deslocado para a introdução de compra de serviços assistenciais das organizações privadas e de organizações do terceiro setor, em substituição ao provimento direto ao usuário, com aumento da burocracia e de abordagens mais mecânicas e técnicas para oferta dos serviços, direcionando a prática de Serviço Social mais para procedimentos técnicos, com perda do sentido do trabalho profissional (LESKOSEK, 2009).

Todavia, como a realidade social é contraditória, vem se verificando, segundo o autor citado, mesmo que numa conjuntura desfavorável, crescente resistência ao modo como essas ideias e políticas procuram afastar o Serviço Social mais e mais dos seus valores fundamentais. Ademais, o declínio do neoliberalismo nas últimas duas décadas vem colocando a necessidade de desenvolver alternativas para a construção de uma sociedade mais igualitária, fazendo com que os afetados pela crise sejam forçados a buscar suporte de um conjunto de profissões sociais entre as quais o Serviço Social.

Mais recentemente vêm se esboçando sinais de resistências à dominação dos valores gerenciais, procurando-se priorizar mais o Serviço Social, com destaque dos seguintes aspectos: o Serviço Social vem procurando enfatizar conteúdos éticos do trabalho, com a recolocação dos seus valores profissionais; princípios dos direitos humanos e justiça social passam a ser fundamentais para o Serviço Social; desenvolvimento de trabalhos em defesa de asilados e refugiados; resistência às tendências dominantes por parte de organizações e movimentos de usuários de serviços; resistência e crítica ao gerencialismo e ativo envolvimento de usuários dos serviços assistenciais enquanto participantes de movimento coletivo em um novo ou revitalizado modelo de prática (LESKOSEK, 2009).

As reflexões até então desenvolvidas colocam a necessidade de explicitação dos eixos configurativos do Serviço Social Radical.

Qualificando o conteúdo e dimensões do serviço social radical

Buscando qualificar o conteúdo e as dimensões que compõem o Serviço Social Radical nos Estados Unidos, este tem como traço marcante constituir uma nova prática profissional desenvolvida no âmbito institucional onde os serviços sociais são prestados ao público demandante.

Como já mencionado, tem por proposta a construção de movimento socialista dentro

do aparato institucional, partindo de críticas ao sistema capitalista, chegando ao engajamento em ação política direta, estimulando alianças entre os setores de serviços sociais, alianças com movimentos de minorias, como negros, gays, índios, mulheres, etc. e se autopercebendo enquanto uma tendência minoritária entre os assistentes sociais do país.

As bandeiras do Serviço Social Radical são a organização dos trabalhadores sociais; apoio a outras organizações na luta contra a redução de recursos para o setor público, principalmente para os programas sociais e influenciar na formulação e na implementação de políticas sociais.

O objetivo central é a construção de uma nova sociedade, mas parte de objetivos imediatos representados pelas necessidades concretas da clientela, desenvolvendo, segundo Galper, citado por Silva (1983, p. 116) ação em dupla perspectiva: satisfação de interesses imediatos. Ao mesmo tempo, tem compromisso com a transformação da sociedade, isto porque “Ser radical, não implica em isolamento de outras pessoas e é sempre um processo, não um evento na vida”. Acrescenta a autora, para essa dupla ação criar canais de expressões organizadas de atividade política são apresentadas três possibilidades: unir os usuários de uma mesma instituição; uni-los com outros de outras instituições e apoiar as organizações políticas existentes.

É colocada, então, a necessidade de relação com os movimentos sociais, com destaque ao movimento sindical, considerado a base de organização, por ser capaz de colocar o trabalhador social em articulação com outros segmentos da classe trabalhadora, considerando que o alvo da ação político-profissional é o Estado e reivindicações econômicas imediatas, daí a importância também da relação entre trabalhadores e usuários dos serviços.

Não despreza reformas, mas procura deslocar o foco de aspectos individuais da pobreza para fatores econômicos e estruturais, deslocando o trabalho de controle social para o trabalho educativo de formação de consciência crítica, aproveitando todas as oportunidades sem temor ao trabalho de curto prazo, mas mantendo em mente a necessidade de ação política a longo prazo, o que significa estar dentro e contra o Estado.

O exposto sugere que o Serviço Social Radical preconiza um trabalho educativo e organizativo, partindo de problemas imediatos colocados pelas populações, mas voltando-se, ao mesmo tempo, para a experiência do poder coletivo dos trabalhadores. Como diz Galper: “mesmo ganhos modestos ou pequenas mudanças na política contribuem para análise e experiências do poder coletivo, que podem ajudar a avançar um passo no próximo engajamento e servirão a fins dual (Galper, 1986, p. 193, tradução nossa).

Para concretização e fundamentação do Serviço Social Radical, a literatura sobre o tema destaca a importância da pesquisa e da publicação enquanto suporte para construir uma perspectiva radical para o Serviço Social. A pesquisa radical tem como objetivo colocar o conhecimento produzido a serviço da mudança social, demandando a participação da classe trabalhadora, servindo aos seus interesses e sem pretensão de ser neutra. As funções da pesquisa e da publicação radical é socializar as experiências e as descobertas para permitir o aprendizado social; apoiar projetos políticos; divulgar ideias e estratégias radicais entre os não radicais; ajudar a desenvolver capacidade de análise da sociedade, das instituições e da prática (GALPER, apud SILVA, 1983, p. 118).

Para além da pesquisa e da publicação, as escolas de Serviço Social são consideradas arena de lutas enquanto espaço de formação de pessoas que ainda não têm um pensamento político solidificado, podendo influenciar a prática da sala de aula, o campo de estágio e o processo interno da administração escolar.

Enfim, segundo Leskosec (2009), na busca de qualificar o conteúdo e as dimensões do *Radical Social Work*, há que se mencionar o que o autor considera fatores limitantes, entre os quais o insignificante poder político ostentado pelos trabalhadores sociais enquanto categoria profissional isolada na sociedade norte-americana; a hegemonia de ideias e ações políticas conservadoras presentes na sociedade norte-americana, agravada por um contexto socioeconômico e político contemporâneo de contraposição a qualquer pensamento radical. Todavia, no campo das contradições que orientam nossas reflexões, o autor também pontua fatores que podem favorecer o pensamento radical na contemporaneidade da sociedade norte-americana, tais como: o fato de o sistema capitalista estar cada vez menos atendendo bem a um maior número de pessoas; dificuldade financeira do Estado em prover os serviços suficientes para manter o *status quo*; surgimento de associações e sindicatos e aumento de uma classe de trabalhadores denominada de *white collar workers*, constituída por profissionais, não profissionais, técnicos e gerentes, na maioria empregados públicos, com identificação cada vez maior com os proletários tradicionais, os *blue collar workers* e contradições identificadas no interior das próprias instituições provedoras de serviços sociais.

Diante dos fatores limitantes e dos fatores que podem favorecer o pensamento crítico, Leskosec (2009) considera que um esforço para manter a postura radical através do tempo numa sociedade na qual se enfrenta múltiplas forças opostas ao radicalismo é necessário desenvolver uma prática de constante avaliação do impacto do trabalho realizado e dimensionar os riscos assumidos na prática, procurando manter o equilíbrio entre as necessidades imediatas com o compromisso socialista de transformação.

Considerações finais

Reservo o espaço da conclusão para expressar o pensamento de Galper (1986, p. 31-33) que se propõe a construir uma concepção do que é e do que não é o Radical Social Work, enquanto uma proposta metodológica em formulação que não chegou a alcançar consenso sobre sua definição, todavia pode ser concebida como:

- Uma prática que se coloca a serviço das populações que vivenciam problemas no cotidiano de suas vidas ao mesmo tempo em que se compromete com uma mudança social radical;

- É uma prática que se desenvolve dentro dos espaços dos trabalhadores sociais, situando-se no interior das instituições onde desenvolvem sua prática profissional, sendo o trabalho político parte do trabalho profissional;

- É um Serviço Social Socialista direcionado para um movimento de transformação social, a partir do quadro institucional;

- É uma proposta que se embasa num corpo teórico cuja busca maior é a transformação da sociedade;

- É uma proposta que considera a organização popular como única estratégia de consciência coletiva, fator primordial para a mobilização em direção à mudança;

- Não é uma prática demagógica ou ditatorial;

- Não é uma mera técnica ou estratégia particular de ação;

- Não ignora as necessidades do dia a dia dos usuários, devendo, porém, relacionar as necessidades imediatas com mudanças profundas da sociedade;

- Não é uma prática que exija autosacrifício dos profissionais que possa levar ao desemprego e isolamento social;

- Não é uma prática que procura aguçar a miséria para levar à deterioração social para criar condições para um processo revolucionário;

- Não é uma prática indiferente ou que desconsidere vitórias parciais e ganhos incrementais, procurando usar esses ganhos como passo à frente em direção ao objetivo final.

Referências bibliográficas

GALPER, J. **Política Social & Trabalho Social**. São Paulo: Cortez Editora, 1986. (tradução: Maria Ozanira da Silva e Silva).

LESKOSEK, V. (editor). **Theories and Methods of Social Work**. Exploring different perspectives. Faculty of Social Work, University of Ljubljana, 2009.

PEREIRA, A. P. Serviço Social: um infante terrível na institucionalidade burguesa. **Revista Serviço Social & Sociedade**, n. 127 São Paulo, setembro/dezembro 2016.

SILVA, M. O.da S. e. **O Serviço Social Radical** – uma proposta de apoio à transformação das sociedades capitalistas desenvolvidas. Revista Serviço Social & Sociedade ano IV, dezembro de 1983.